

Empreendedorismo e Voluntariado: O Programa Miniempresa da Junior Achievement do Ceará**Entrepreneurship and volunteering: the program Junior Achievement of Ceará Minicompany**

Recebimento dos originais: 01/12/2017

Aceitação para publicação: 23/12/2017

Sonia Regina Amorim Soares de Alcantara

Mestre em Administração pela Universidade Estadual do Ceará

Instituição: Universidade Federal do Ceará – UFC

Endereço: Av. da Universidade, 2853 - Benfica, Fortaleza – CE, Brasil

E-mail: reginasoaresm@gmail.com

Ana Lucia Gomes de Freitas Teixeira Coelho

Diretora executiva da JA Ceará

Instituição: Universidade Federal do Ceará – UFC

Endereço: Av. da Universidade, 2853 - Benfica, Fortaleza – CE, Brasil

E-mail: diretoria@jace.org.br

Larissa Ingrid Forte

Bolsista do NEPES da Universidade Federal do Ceará

Instituição: Universidade Federal do Ceará – UFC

Endereço: Av. da Universidade, 2853 - Benfica, Fortaleza – CE, Brasil

E-mail: hingridforteh@gmail.com

Thays Lyanny da Cunha Garcia da Rocha

Graduada em Secretariado Executivo pela Universidade Federal do Ceará

Instituição: Universidade Federal do Ceará – UFC

Endereço: Av. da Universidade, 2853 - Benfica, Fortaleza – CE, Brasil

E-mail: thayslyanny@hotmail.com

RESUMO

O tema central da pesquisa envolve empreendedorismo e voluntariado a partir da análise do Programa Miniempresa da Junior Achievement Ceará (JACE). A JACE é organização sem fins lucrativos, com o objetivo de formar jovens para o trabalho, e apresenta o Programa Miniempresa como uma iniciativa para fomentar o empreendedorismo aos jovens estudantes de escolas públicas. O problema abordado pela pesquisa questiona como a JACE através do programa Miniempresa contribui com o empreendedorismo e o voluntariado no Ceará. O objetivo geral do estudo é identificar a contribuição do programa Miniempresa da JACE para o empreendedorismo, intra-empreendedorismo e o voluntariado cearenses, situando a participação da Universidade Federal do Ceará (UFC) como colaboradora do projeto. A pesquisa é caracterizada como qualitativa, com uso de dados quantitativos, utiliza método de estudo de casos e revisão de literatura. A análise de dados foi feita a partir das informações coletadas através de questionários aplicados com participantes e

voluntários do Miniempresa, ativos nos anos 2013 e 2014. Concluiu-se que a JACE contribui com o empreendedorismo cearense, por meio do Programa Miniempresa, gerando oportunidade à jovens estudantes do Ensino Médio de ingressarem no mercado de trabalho mais qualificados e/ou dispostos a abrir seu próprio negócio. Além de proporcionar aos universitários da UFC, não somente aplicar seus conhecimentos apreendidos em sala de aula, mas também interagir com o ambiente empresarial por meios das vivências cotidianas do Miniempresa.

Palavras-chave: Empreendedorismo; Intraempreendedorismo; Junior Achievement Ceará; Voluntariado.

ABSTRACT

The stimulus to the formation of future entrepreneurs contributing to the professionalization of youth. This research investigates entrepreneurship and volunteerism from the analysis of the Mini Company Program of Junior Achievement Ceará (JACE). The JACE is non-profit organization with the goal of training young people for work, and presents the Mini Company Program as an initiative to promote entrepreneurship in high school students from public schools. The overall objective of the study is to identify the Minicompany program contribution to entrepreneurship, intrapreneurship and the Ceará volunteering, thus increasing its holding of Federal University of Ceará (UFC) as a collaborator of the project. The research is characterized as qualitative, using quantitative data, it uses case study method and literature review. Data analysis was made from questionnaires given to participants and volunteers Minicompany.

Keywords: Formatting Entrepreneurship and intrapreneurship, Junior Achievement, Volunteering.

1 INTRODUÇÃO

A promoção da integração entre a classe empresarial e a comunidade escolar viabiliza o desenvolvimento entre esses núcleos sociais, na forma de oportunidades de negócios e capacitação para o trabalho. Assim, diferentes instituições apoiam esta integração fomentando sua expansão. Dentre estas, pode-se destacar a Junior Achievement, que além desta atribuição, atua no estímulo ao empreendedorismo e voluntariado, se relacionando com esses núcleos, da seguinte forma:

Trata-se de uma associação educativa sem fins lucrativos, mantida pela iniciativa privada, cujo objetivo é despertar o espírito empreendedor nos jovens, ainda na escola, estimulando o seu desenvolvimento pessoal, proporcionando uma visão clara do mundo dos negócios e facilitando o acesso ao mercado de trabalho (JUNIOR ACHIEVEMENT, 2015a).

Nesse contexto, o estudo possui como justificativa o fato da sociedade precisar de pessoas capazes e competentes para gerar trabalho e renda em benefício do equilíbrio social. Necessidade esta que gera a importância de organizações apoiarem o empreendedorismo e o voluntariado, e o interesse destas, em investir no jovem e na sua curiosidade e sagacidade para aprender. Esse

interesse se manifesta através da criação e implantação de programas institucionais que visam contribuir para a transformação de jovens estudantes, em aprendizes de um ofício no ramo empresarial e lhes conceder oportunidades de aperfeiçoamento profissional e pessoal. Investigar a respeito de quais são e como são aplicadas as estratégias de incentivo aos jovens, para que estes desenvolvam habilidades laborais no âmbito do empreendedorismo e quais resultados que elas geram, caracteriza o foco do presente estudo.

Segundo Fillion (1999, p. 11), o empreendedorismo como campo de estudo acadêmico é novo, com cerca de duas décadas. Considera-se que está em fase pré-paradigmática e que demandará, ainda, algum tempo para constituir uma base científica, apesar de ser um campo efervescente em termos de pesquisas e publicações. Dentre estas, destacam-se os estudos de Dolabela (1999 e 2003), Sarasvathy (2008) e Dornelas (2014) sobre empreendedorismo; de Pinchot (2004) e Shepherd e Patzelt (2015) acerca do Intraempreendedorismo; de Andrade (2014) e da UNV (2015) no tocante ao voluntariado.

Neste sentido, observa-se a necessidade de analisar uma instituição em particular buscando obter informações sobre como se desenvolve o seu programa de estímulo ao jovem empreendedor. A escolhida para participar do estudo foi a Associação Junior Achievement Ceará (JACE), e o seu programa institucional Miniempresa, tendo em vista o trabalho que vem desenvolvendo com jovens estudantes de escolas públicas do Estado do Ceará, que atualmente é apoiado pela Universidade Federal do Ceará – UFC, por meio do Projeto de Extensão Empreendedorismo e Voluntariado (UFC, 2013).

A UFC-Feaac/Departamento de Administração atua como Apoiadora Institucional da JACE na implementação do Programa Miniempresa, destinado a trabalho de educação econômico-prática, através do método Aprender-Fazendo, que proporciona aos estudantes experiências de negócios na organização e operação de uma empresa. Na parceria entre a UFC-Feaac/Departamento de Administração e a JACE, os cursos vinculados a este departamento (Administração, Atuárias e Secretariado Executivo) viabilizam a participação de seus alunos como universitários voluntários que vão aplicar seus conhecimentos teóricos na prática, orientando experiência empreendedora de organizar e operar uma empresa para estudantes do ensino médio de escolas estaduais designadas pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará. No passado, idos de 2007, já houve a participação de alunos da UFC neste Programa, e atualmente alunos de outras instituições estão também engajados no Miniempresa.

Sob orientação de metodologia da Junior Achievement, já implementada há 8 anos no Ceará, os universitários voluntários orientam aplicação prática de empreendedorismo para os estudantes

desde a concepção do produto a ser comercializado, passando pela identificação de capital necessário, definição de grupo gestor, e funções administrativas básicas de marketing, produção, vendas, finanças e desenvolvimento de pessoas; buscando produtividade e rentabilidade com qualidade, prática sustentável e responsabilidade social.

O problema abordado pela pesquisa questiona como a Junior Achievement do Ceará (JACE), através do programa Miniempresa, contribui com o empreendedorismo e o voluntariado no Ceará. O objetivo geral do estudo é identificar a contribuição do programa Miniempresa da JACE para o empreendedorismo, intraempreendedorismo e o voluntariado cearenses, situando a participação da Universidade Federal do Ceará (UFC) como colaboradora do projeto.

Especificamente busca-se descrever o programa Miniempresa desenvolvido pela JACE; analisar a metodologia e as ações executadas pelo programa; situar a participação da UFC no programa Miniempresa; listar os resultados gerados pelo Miniempresa e identificar quais as contribuições do programa para o empreendedorismo, o intraempreendedorismo e o voluntariado no Estado do Ceará.

A análise de dados foi feita a partir das informações coletadas através de questionários aplicados com alunos orientados pelo programa (*achievers*) e universitários voluntários (*advisers*) que orientam estes alunos.

As considerações expostas nos levam a reconhecer o Programa Miniempresa como instrumento de incentivo ao empreendedorismo, por meio de formação acadêmica e empresarial, o que colabora para o desenvolvimento do espírito empreendedor em jovens estudantes, que são levados à, não somente buscar, mas também, gerar oportunidades de negócios, refletindo em uma sociedade produtiva e igualitária.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico da pesquisa fundamenta-se nos temas envolvendo empreendedorismo, responsabilidade social e voluntariado, uma vez que o intraempreendedorismo está contido no empreendedorismo. Inicialmente foram levantadas informações sobre a instituição estudada, Junior Achievement Ceará, expondo sua cultura organizacional, missão, visão, valores e objetivos.

2.1 ASSOCIAÇÃO JUNIOR ACHIEVEMENT

A Junior Achievement é uma instituição fundada em 1919, nos Estados Unidos, atualmente “é a maior e mais antiga organização de educação prática em negócios, economia e empreendedorismo do mundo” (JUNIOR ACHIEVEMENT, 2015a).

Sobre a extensão de sua prática, observa-se a amplitude nacional e internacional, abordando milhares de jovens, coerente com estudo de Chell (2013) sobre a internacionalização de esforços de incentivo ao empreendedorismo:

Atualmente está presente em 120 países e, no Brasil, possui unidades em todos os Estados e no Distrito Federal. No Brasil, já foram 4 milhões de alunos beneficiados e 150 mil voluntários envolvidos. As atividades da Junior Achievement se desenvolvem através de programas educativos criteriosamente formulados, aplicados junto aos jovens através de parcerias com escolas e voluntários dispostos a compartilhar suas experiências e conhecimentos com estudantes de diferentes faixas etárias. Globalmente, 10 milhões de jovens ao ano participam dos programas da Junior Achievement, consolidando a formação de uma cultura empreendedora ao redor do mundo, dentro de uma perspectiva ética e responsável (JUNIOR ACHIEVEMENT, 2015a).

Os programas funcionam quando uma empresa investe e torna-se parceira da JACE, que trabalha na preparação dos voluntários para atuarem nas instituições de ensino estimulando jovens e crianças para serem empreendedores, que poderão tornar-se empresários. A JACE possui em sua cultura organizacional a missão de “despertar o espírito empreendedor nos jovens, ainda na escola, e proporcionar uma visão clara do mundo dos negócios”, a visão de “consolidar a cultura empreendedora formando uma geração de lideranças nas áreas empresarial, educacional, social e política” e os valores como honestidade, ética, perseverança, respeito, coragem, sensibilidade e sustentabilidade (JUNIOR ACHIEVEMENT, 2015a).

Portanto, é através de programas educativos aplicados por voluntários em escolas públicas e privadas e de ações mantidas por pequenas, médias e grandes empresas, que os jovens estudantes poderão se beneficiar e que a Junior Achievement desenvolve sua missão. Dentre os programas educativos por ela desenvolvidos, o Miniempresa é o alvo desta pesquisa:

O Programa Miniempresa proporciona a estudantes do 2º ano do Ensino Médio a experiência prática em economia e negócios, na organização e na operação de uma empresa. É desenvolvido em 15 semanas, em jornadas semanais, com duração de 3h30min, realizadas nas escolas, geralmente à noite. Os estudantes aprendem conceitos de livre iniciativa, mercado, comercialização e produção. É um programa acompanhado por quatro profissionais voluntários das áreas de marketing, finanças, recursos humanos e produção.

Neste Programa, são explicados os fundamentos da economia de mercado e da atividade empresarial através do método Aprender-Fazendo, em que cada participante se converte em um miniempresário (JUNIOR ACHIEVEMENT, 2015b).

Na Figura 1 pode-se identificar as atividades desenvolvidas relacionadas com os objetivos educacionais e com os conceitos e habilidades adquiridos por meio do Miniempresa.

| Atividades | Objetivos Educacionais |
|--|---|
| O papel da livre iniciativa. | Trabalhar o conceito de empresa e suas origens, os valores sociais da livre iniciativa, enfatizando os tipos de empresa. Mostrar que, a partir de uma necessidade, se produz bens que geram satisfação. |
| Estudo de viabilidade e pesquisa de mercado. | Promover uma tempestade de ideias - <i>brainstorming</i> - entre os alunos sobre um produto a ser pesquisado, fabricado e vendido pela miniempresa. |
| Nome para a miniempresa. | Conscientizar sobre a importância de um nome que inspire confiança e credibilidade. |
| Organograma de uma miniempresa. | Mostrar como funcionam as quatro principais áreas de uma empresa: <i>marketing</i> , finanças, recursos humanos e produção. |
| Escolha da diretoria da miniempresa. | Apresentar as funções de presidente e diretores das quatro áreas da miniempresa, salientando suas responsabilidades. |
| Preenchimento de formulários de controle. | Controlar a presença nas jornadas, fluxo de caixa, compra de matéria-prima, controle de estoque, vendas e produção. |
| Estágio com treinamento nas quatro áreas da miniempresa. | Proporcionar troca de informações e conhecimento da empresa como um todo. |
| Reuniões de diretoria da miniempresa. | Integrar as áreas, objetivando consenso nas tomadas de decisões. Avaliação dos resultados do trabalho. Planejamento das ações. |
| Fabricação de um produto. | Fabricar um produto, consciente das normas de |

| | |
|--|---|
| | segurança, controle de metas de produção e qualidade, dos riscos e do sucesso de um negócio. |
| Recolhimento de impostos. | Mostrar os compromissos legais da empresa, referentes aos encargos e impostos. |
| Participação nos eventos complementares ao Programa. | Envolver o participante em atividades como Rodada de Palestras com empresários e feiras. |
| Retorno do capital investido. | Devolver aos acionistas o valor investido como capital inicial, juntamente com os dividendos. |
| Encerramento das atividades. | Exercitar o entendimento do Programa através da montagem de um relatório final que descreva o processo de desenvolvimento da miniempresa. |

Fonte: JUNIOR ACHIEVEMENT, 2015b

Figura 1 – O Programa Miniempresa

A realização do Miniempresa é focada nos seguintes atores (a nomenclatura é em inglês por causa do padrão internacional adotado para identificá-los igualmente, independente do país onde atuem):

- a) *Advisers* – universitários voluntários, vinculados a empresas ou independentes, selecionados e treinados especificamente para orientar os alunos;
- b) *Achievers* – alunos de escolas de ensino médio da rede estadual do Ceará, que são orientados pelos voluntários para o empreendedorismo.

O Programa Miniempresa oferece base teórica e prática sobre empreendedorismo, além de acompanhar os estudantes durante todo o processo estruturado de aprendizagem e execução. Esta forma de geração de conhecimento e estímulo à ação empreendedora é similar à proposta por Dolabela (2003), em sua orientação sobre a pedagogia empreendedora.

O reconhecimento maior à atuação da JACE para o empreendedorismo está demonstrado pela certificação conferida pelo Governo Federal à Junior Achievement Ceará como instituição de Utilidade Pública Federal (BRASIL, 2015).

2.2 EMPREENDEDORISMO

O empreendedorismo pode se caracterizar como uma concepção de um negócio. Em todo o mundo as práticas empreendedoras estão em ebulição como alternativa para a geração de ocupação e remuneração, conforme Chell (2013). No Brasil surgiu em meados da década de 1990 como afirma Dornelas (2014, p. 13), através da criação de entidades, como Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE e Sociedade Brasileira para Exportação de Software - SOFTEX. Antes do surgimento dessas entidades pouco se estudava acerca do empreendedorismo e da iniciativa para a criação de pequenas empresas no país. O tema, que até então tinha menor relevância, foi ganhando espaço e importância tanto para os pequenos quanto para os grandes empresários.

Segundo o SEBRAE, o empreendedor é o indivíduo que possui ou busca desenvolver uma atitude de inquietação, ousadia e pró-atividade na relação com o mundo, condicionada por características pessoais, pela cultura e pelo ambiente, que favorece a interferência criativa e realizadora no meio em busca de ganhos econômicos e sociais (NACIONAL, Sebrae, 2015a).

Para Dornelas (2014, p. 28): “Empreendedorismo pode ser definido como o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam à transformação de ideias em oportunidades”. E sobre o conceito de Empreendedor, Dornelas (2014) aplica a definição de Joseph Schumpeter ao afirmar que é aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos e materiais.

O empreendedorismo tem conexão com a atitude das pessoas. Segundo Dolabela (1999), é possível a pessoa construir de forma autônoma a sua visão e capacidade empreendedora. Corroborando a ideia, Sarasvathy (2008) afirma que essa autonomia decorre da expertise construída, necessária ao empreendedor.

De acordo com Dornelas (2014), a sensibilização das pessoas para as perspectivas do empreendedorismo quando feita desde a juventude, aumenta a probabilidade de nova mentalidade empresarial e engajamento de jovens no mundo dos negócios, gerando seu protagonismo, necessário para que construa o futuro.

2.3 EMPREENDEDORISMO JOVEM E INTRAEMPREENDEDORISMO

De acordo com o Global Entrepreneurship Monitor (GEM) através da pesquisa Empreendedorismo no Brasil 2013, identificou-se que 33% dos empreendedores iniciais no Brasil são jovens, na faixa etária de 18 a 34 anos. Esse indicativo além de revelar o atual percentual do empreendedorismo jovem no país, também fomenta a compreensão de que a inclusão do jovem no ramo empreendedor se estabelece como crescente e importante segmento do empreendedorismo.

Vistos como a futura geração do mundo dos negócios, os jovens empreendedores procuram buscar seu espaço no universo empresarial de forma criativa e distinta para que assim, obtenham êxito em oferecer produtos e/ou serviços diferenciados, exclusivos e inovadores. Para ingressar nessa jornada empresarial o jovem necessita de orientação profissional. Para Soares e Machado (2005), inserir o jovem no mercado de trabalho constitui um desafio, sendo o empreendedorismo uma nova dimensão para absorver a mão de obra jovem. Sobre o assunto, Brasil, Brasil e Nogueira afirmam:

A atividade empreendedora, na criação de um negócio, estabelece-se como alternativa de empregabilidade para o jovem brasileiro e também constituindo mais do que opção de ocupação e desenvolvimento profissional, mas também alternativa para inserção social e oportunidade de estímulo ao desenvolvimento socioeconômico da sociedade (BRASIL, BRASIL E NOGUEIRA, 2013, p. 58-59).

Mas afinal, o que leva os jovens a se envolverem com o empreendedorismo? Sarasvathy (2008) aponta fatores como nível de escolaridade, experiência no mercado de trabalho, procura por oportunidades de capacitação profissional, entre outros, como os principais que influenciam essa decisão. Segundo Brasil, Brasil e Nogueira, (2013, p. 57), “é necessário conhecer e assimilar o que incentiva o jovem a se tornar um empreendedor”.

Além das intenções de abertura de negócios, empreender na condição de empregado ou empregador também é importante, e constitui o conceito de intraempreendedorismo, conforme relata Pinchot:

Devido a semelhança com os empreendedores, optamos por chamar de intraempreendedores aqueles que transformam ideias em realidades dentro de uma empresa. O intraempreendedor pode ser ou não a pessoa que apresenta primeiro uma ideia. Os intraempreendedores arregaçam as mangas e fazem o que é preciso ser feito. Eles solicitam a ajuda de outros. Independente de estarem trabalhando com uma ideia própria ou criando a partir da ideia de outra pessoa, eles são os “sonhadores que agem” (PINCHOT, 2004, p. 34).

Conceito aplicado pela primeira vez em 1985, por Gifford Pinchot, que vem sendo difundido e valorizado pelas organizações, o intraempreendedorismo é visto como um sistema para a inovação das organizações, por meio do uso de talentos empreendedores internos, que colaboram para o progresso da instituição. De acordo com o SEBRAE, “O intraempreendedorismo é indispensável para as empresas já estabelecidas, pois recria a cultura empreendedora interna” (NACIONAL. Sebrae, 2015b). A capacidade realizadora, a disposição para o trabalho e o desejo de fazer caracterizam aqueles que tornam as equipes o lugar de inovação, produtividade e geração de resultados.

A decisão pelo empreendedorismo e intraempreendedorismo decorre do desenvolvimento das competências necessárias ao negócio e cenário, de acordo com Shepherd e Patzelt (2015). Compete às organizações manter o incentivo favorável às práticas empreendedoras e intraempreendedoras no âmbito de sua responsabilidade social.

2.4 VOLUNTARIADO

Para compreender a prática do voluntariado foram estabelecidos conceitos, por parte de entidades que a exercem, e também por parte da comunidade científica. Uma das definições para o voluntariado é caracterizada pela Lei nº 9.608/98:

Art. 1º - Considera-se serviço voluntário, para fins desta Lei, a atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade. Parágrafo único: O serviço voluntário não gera vínculo empregatício nem obrigação de natureza trabalhista, previdenciária ou afim (BRASIL, 1998).

Outra definição foi elaborada por The United Nations Volunteers – UNV (Programa de Voluntários das Nações Unidas), que é a organização da ONU que contribui para a paz e o desenvolvimento através do voluntariado em todo o mundo. Em livre tradução, a UNV descreve em seu site, sem data de publicação:

O voluntariado é um meio poderoso de envolver as pessoas para enfrentar os desafios de desenvolvimento, podendo transformar o ritmo e a natureza do desenvolvimento. O voluntariado beneficia tanto a sociedade em geral como cada voluntário através do reforço da confiança, solidariedade e reciprocidade entre os cidadãos ao criar propositadamente oportunidades de participação (UNV, s/d).

No Brasil, durante o período colonial, o voluntariado era comumente associado à caridade, e foi fortalecido após a fundação da Santa Casa de Misericórdia de Santos, em 1543. Durante essa

época havia uma significativa ligação entre a Igreja e a atividade caridosa, que a partir dessa união consolidou a prática voluntária como ofício de cunho assistencialista (ANDRADE, 2014, p. 10).

Movidos pela causa voluntária de contribuir com o social sem receber auxílio financeiro, os voluntários são agentes facilitadores da solidariedade, compromissados em unir esforços em prol do bem de terceiros. Atualmente o trabalho voluntário não se limita apenas a atividade assistencialista, expandindo-se ao ofertar serviços ligados a educação, arte, cultura, lazer, entre outros.

Utilizando-se da responsabilidade social como principal aliada para o desenvolvimento do trabalho voluntário, as organizações exercem papel de contribuintes sócio-políticas:

A organização, ou a empresa, quando se insere neste tipo de atividade também obtém significativos retornos, não apenas para a sua imagem que fica mais reforçada quanto à sua credibilidade, mas também no desenvolvimento da potencialidade de seus colaboradores, pois novos talentos e lideranças acabam despontando. A sociedade, porém, é a maior beneficiária do trabalho voluntário ao receber os gestos de solidariedade que, na maioria das vezes, atendem necessidades não supridas pelo Estado, inclusive de resgate da cidadania (LIMA e BARELI, 2010, p.4).

As razões que levam pessoas físicas e jurídicas a apoiarem e/ou se engajarem em atividades voluntárias corporativas também podem ser agrupadas em: altruístas, ideológicas, egoístas, materiais, de status, sociais, de lazer e de crescimento pessoal, conforme discute Mascarenhas *et al* (2013). Os autores abordam ainda o conceito de motivação pró-social, que caracteriza-se pelo objetivo de produzir e manter o bem-estar de outras pessoas sem prejuízos de outros tipos de benefícios por eles gerados a quem os pratica. Com esta definição, Mascarenhas *et al* corroboram que o voluntário corporativo e o receptor do trabalho voluntário, ambos se beneficiam da ação. Portanto, a opção pelo voluntariado se apresenta, como opção de ingresso no mundo do trabalho, alternativa de formação profissional, e caminho para práticas empreendedoras.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa tem base qualitativa e também utiliza dados quantitativos, para ampliar a exatidão da análise dos dados coletados. É qualitativa, porque permite análise de dados subjetivos e não quantitativos. Segundo Minayo (2012, p.21), essa abordagem no âmbito das Ciências Sociais, lida com uma realidade não quantificada, ou seja, “ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. Também é quantitativa porque, conforme Diehl (2004), “a pesquisa quantitativa faz uso da quantificação, tanto na coleta quanto no

tratamento das informações, utilizando-se técnicas estatísticas, objetivando resultados que evitem possíveis distorções de análise e interpretação, possibilitando uma maior margem de segurança”.

Utiliza-se a revisão da literatura, que segundo Lakatos e Marconi (2009, p. 160) “é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema”, a fim de obter informações sobre o que já foi produzido acerca do empreendedorismo e voluntariado, principais assuntos desta pesquisa.

O trabalho é feito ainda por meio de análise documental nos registros da JA internacional e entrevista semi-estruturada realizada com voluntários e alunos do projeto Miniempresa, ativos no período de 2013/14.

No período citado, participaram 25 escolas públicas estaduais, foram formados 1.590 *achievers*, por 214 voluntários. Deste universo, a pesquisa conseguiu acessar 63 *achievers* (alunos que são orientados pelo projeto miniempresa) e 14 *advisers* (universitários voluntários que aplicam o miniempresa, orientadores dos *achievers*).

Os questionários, específicos para cada um destes grupos citados, utiliza material semi-estruturado e voltado para os seguintes focos:

- a) *Achievers* – o que estão fazendo após concluir o miniempresa; o que entendem como legado do miniempresa; perspectivas para o futuro profissional.
- b) *Advisers* – sentimento de aplicabilidade das teorias acadêmicas; vivência da prática empresarial; influências recebidas ao participar no miniempresa.

A análise de dados foi feita a partir das informações coletadas sobre o programa miniempresa e os dados oriundos dos questionários respondidos por *achievers* e *advisers* da JACE, caracterizados na seção 2.1. Associação Junior Achievement.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A primeira etapa da análise dos dados é sobre as repostas dos *achievers*, para definir o perfil desses alunos, identificar sua atual ocupação, destacar o que entendem do projeto Miniempresa, e quais suas perspectivas para o futuro após passarem pelo projeto. A segunda fase é a análise das informações obtidas através dos *advisers*. Por meio delas foi possível identificar qual o sentimento

dos voluntários em relação à aplicabilidade das teorias acadêmicas, como definem a vivência da prática empresarial e quais influências receberam ao participar do projeto Miniempresa.

4.1 RESULTADOS A PARTIR DOS *ACHIEVERS*

O Programa Miniempresa envolve jovens de escolas públicas, no ensino médio, portanto, espera-se que tenham idade compatível com este nível acadêmico, ou seja, até 19 anos, e esta compatibilidade está constatada pela pesquisa. Dos 63 entrevistados, tem-se: Entre 16 e 17 anos: 49; entre 18 e 19 anos: 13 (21%) e a partir de 20 anos: 1.

Ainda na identificação, sobre sua situação acadêmica, contatou-se acerca dos 63 estudantes: 36 estão no ensino médio; 19 no ensino médio e fazendo estágio; e 08 no ensino superior.

Percebe-se que a faixa etária dos estudantes é coerente com o público alvo proposto pelo Programa, e está diretamente ligada a atividade que estão desempenhando. Como a pesquisa foi realizada com jovens do Ensino Médio de Escolas Estaduais de Ensino Profissional, observa-se que alguns estão estagiando em decorrência deste profissionalizante. Os que estão no Ensino Superior, referem-se aos alunos que já passaram pelo Programa.

Buscou-se também conhecer a percepção dos *achievers* sobre o legado do Miniempresa, podendo ser indicadas mais de uma opção: Compreender a organização de uma empresa (26); Proporcionar experiência no ramo dos negócios (17); Trabalhar com pessoas e equipes (12); Contribuir para o desenvolvimento profissional/pessoal (12); Apresentar o conceito de empreendedorismo (11).

O legado apontado com maior frequência é compatível com a proposta empreendedora do Programa Miniempresa (JUNIOR ACHIEVEMENT, 2015-b), voltada para a compreensão do funcionamento de uma empresa e a experiência empreendedora.

A próxima indagação questionou os estudantes sobre quais eram suas perspectivas para o futuro, podendo ser escolhidas mais de uma opção. As mais escolhidas foram: Ingressar na faculdade (44); Ingressar no mercado de trabalho (33); Abrir o próprio negócio (18). As demais com um ou dois votos: Passar em concurso; Fazer intercâmbio e Crescer no exercito.

Conforme o índice de respostas dos que informaram desejar abrir o próprio negócio, pode-se inferir que após passarem pelo Miniempresa, os alunos pretendem levar a frente o que aprenderam no Programa. Semelhante inferência é feita sobre o legado do Miniempresa ter contribuído também para os que pretendem ingressar na faculdade e no mercado de trabalho. De acordo com Dolabela

(2003), estas percepções corroboram a importância do aprendizado para a autonomia do jovem empreendedor.

Com relação ao empreendedorismo, foi questionado aos estudantes, se a experiência no Miniempresa os levaria a serem futuros empreendedores. Todos os pesquisados responderam, sendo: 50 Sim e 13 Talvez; sem nenhum Não, indicando a forte influência em suas perspectivas futuras sobre a possibilidade de serem futuros empreendedores.

Destaca-se que 80% (50) afirmaram que podem tornar-se futuros empreendedores, confirmando a influência do Programa Miniempresa no despertar destes jovens para suas capacidades empreendedoras. Conforme Brasil, Brasil e Nogueira (2013), as oportunidades de empreendedorismo oferecidas ao jovem estimulam sua profissionalização e competências.

Para conhecer como os estudantes se percebem como profissionais após terem participado do Miniempresa, foram identificados os seguintes resultados, com mais de uma resposta por pesquisado: Profissional mais qualificado (45); Com experiência no ramo empreendedor (23); Com noção de como funciona uma empresa / mercado de trabalho (06); Preparado pra abrir uma empresa (03).

É fato que a maioria dos pesquisados se percebe profissionalmente mais qualificado com a experiência no Miniempresa (45), embora esta experiência seja percebida como insuficiente para sentirem-se preparados para empreender abrindo uma empresa. É possível que haja uma relação entre os que querem ser futuros empreendedores e os que pretendem primeiro qualificar-se para posteriormente abrir o próprio negócio.

4.2 ANÁLISE A PARTIR DOS VOLUNTÁRIOS

Nesta etapa da pesquisa as investigações foram direcionadas aos *advisers* da JACE, universitários voluntários que atuam como orientadores dos *achievers* no Miniempresa. Dentre os voluntários respondentes, 6 (43%) são alunos da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), 4 (28%) da Universidade Federal do Ceará (UFC), 2 (14%) do Centro Universitário Estácio do Ceará- Estácio FIC, e, 2 (14%) de outras faculdades privadas de Fortaleza. Destes, 09 são estudantes do curso de Administração, 03 de Ciências Contábeis e 01 de Comercio Exterior.

O Projeto de Extensão Empreendedorismo e Voluntariado (UFC: 2013) tem incentivado a maior participação de alunos da UFC como voluntários no Miniempresa como oportunidade de aplicação de seus conhecimentos teóricos na prática e experiência no ambiente empreendedor. Esta

participação estimula a educação para o trabalho por meio das práticas de empreendedorismo e intraempreendedorismo, ampliando a proximidade do meio acadêmico com a sociedade, além de fortalecer o conhecimento e prática profissional destes alunos, participantes da ação, bem como sua oportunidade de utilizar esta experiência como tema em seus trabalhos de conclusão de curso e carga horária complementar. No biênio 2013-14 participaram 14 voluntários da UFC, contribuindo para a formatura de 1.590 alunos de 25 escolas da rede estadual de ensino médio. Em 2015 já são 9 voluntários engajados.

Observa-se que o curso dos universitários voluntários abordados pela pesquisa está de acordo com as áreas de trabalho do Miniempresa, conforme previsto na identificação do Programa: Recursos Humanos, Marketing, Finanças e Produção (JACE, 2015-b).

Indagados sobre como a formação acadêmica poderia contribuir nas atividades desenvolvidas no Miniempresa, 12 dos *advisers* (86%) afirmaram que essa contribuição é através do conhecimento teórico/técnico aprendido em seu curso universitário; e, 2 dos voluntários (14%) que a formação acadêmica contribui através do estudo sobre a sustentabilidade e origem das empresas, refletindo em uma visão mais ampla e empreendedora da situação. Percebe-se então, a valorização que os voluntários fazem de seus cursos de graduação no tocante à teoria e à prática empreendedora e intraempreendedora.

Com relação às atividades desempenhadas pelos *advisers* no programa, identificou-se que a função principal é a orientação dos *achievers* de acordo com a sua expertise e áreas afins da sua formação. A orientação é baseada no cumprimento das diretrizes do programa, prazos, direcionamento em aspectos técnicos e práticos de acordo com a divisão estabelecida pelo Miniempresa (JUNIOR ACHIEVEMENT, 2015b).

Sobre a vivência empresarial proporcionada pelo Programa Miniempresa, 10 (72%) voluntários afirmaram que a experiência e a participação no programa proporcionaram crescimento da carreira profissional/pessoal, novos conhecimentos, habilidades e atitudes, e outros 4 (29%) voluntários afirmaram que passaram a conhecer e aprender sobre o funcionamento e o organograma de uma empresa. Esse achado permite identificar que o voluntário percebe seu crescimento após viver a experiência empreendedora no Miniempresa, corroborando o pensamento de Dornelas (2014) ao afirmar que o trabalho desenvolve não somente as instituições, mas também os voluntários, no âmbito pessoal e no profissional.

Dentre os voluntários, 8 (57%) afirmaram participar de outros trabalhos voluntários tanto na Junior Achievement (2); como também em ONG's (4), Igrejas (3), Eventos (2) e na faculdade (2). Apesar de nem todas estas instituições estarem vinculadas aos temas empresariais ou de

empreendedorismo e intraempreendedorismo, pode-se assegurar que também agregam aos voluntários outros valores que estão ligados à responsabilidade social.

Por fim, questionou-se aos *advisers* sobre a possibilidade de serem futuros empreendedores a partir da experiência vivenciada no Miniempresa. Constatou-se que 10 (71%) afirmaram positivamente e 4 (29%) que talvez seguissem este caminho. A ausência de negativa, bem como a maior proporção de concordância, confirmam novamente que a metodologia do programa promove um incentivo na carreira dos voluntários no processo de engajamento com o empreendedorismo e o intraempreendedorismo.

5 CONCLUSÃO

A partir da análise do Programa Miniempresa e dos questionários aplicados com os *achievers* e *advisers* foi possível identificar que há contribuição da Junior Achievement Ceará com o empreendedorismo e o voluntariado no Estado. Respondendo a questão da pesquisa, essa contribuição se dá através da metodologia utilizada pelo programa que consiste em engajar alunos (*achievers*) e voluntários (*advisers*) no processo de formação de uma empresa, desde a fundação, desenvolvimento de um produto até a apuração de resultados, vivenciando e aprendendo com a experiência empreendedora.

Com relação aos objetivos da pesquisa, a contribuição do programa Miniempresa da JACE para o empreendedorismo e intraempreendedorismo está relacionada a possibilidade dos estudantes (*achievers*) serem futuros empreendedores, pois após serem apresentados ao universo do empreendedorismo pretendem inicialmente ingressar na universidade e aperfeiçoar os conhecimentos adquiridos no Miniempresa para futuramente abrirem o próprio negócio.

A participação da UFC como contribuinte nesse processo ocorre ao incentivar seus alunos e oferecer-lhes a oportunidade do confronto da teoria e prática acadêmicas, o que também lhes incentiva atuação empreendedora e intraempreendedora. A vivência da prática empresarial através da orientação aos *achievers* e também a utilização do conhecimento acadêmico e sua aplicação prática no Miniempresa, são diferenciais positivos na formação profissional dos alunos voluntários da UFC.

Tendo em vista os aspectos observados conclui-se que a Junior Achievement contribui com o empreendedorismo cearense, por meio do Programa Miniempresa, despertando o interesse e gerando oportunidade a jovens estudantes do Ensino Médio de ingressarem no mercado de trabalho

mais qualificados e/ou dispostos a abrir seu próprio negócio. Além de proporcionar aos universitários da Universidade Federal do Ceará, não somente aplicar seus conhecimentos apreendidos em sala de aula, mas também interagir com o ambiente empresarial por meios das vivências cotidianas do Miniempresa. Dessa forma é possível observar que ambas as partes são beneficiadas com o Programa, e o resultado dessa troca de conhecimento reflete em jovens que além de buscar oportunidades, também as criam, para alcançar seus objetivos, caracterizando o protagonismo juvenil que constrói o futuro da sociedade.

Ante as limitações do estudo em acessar maior número de respondentes, sugere-se a continuidade da investigação em pesquisas posteriores, e também que possam ampliar o período entre a participação no programa e a ocupação laboral de empreendedores e voluntários.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. G. F. O Padrão Emergente de Intervenção Social e a Hipertrofia de um (novo) voluntariado; Anais do XIV ENPRESS – Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social; 2014; Natal; BRASIL; Português.

BRASIL. Lei 9.608/98, de 18 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília – DF, 19 de fevereiro de 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9608.htm. Acesso em: 28/01/2015.

BRASIL. Portaria do Ministério da Justiça, nº 1.275, de 05 de agosto de 2015. Certifica a Junior Achievement Ceará como instituição de utilidade pública federal. Diário Oficial da União, Brasília – DF, Nº 150, 07 de agosto de 2015, Seção 1, p. 30.

BRASIL, Sandra Aparecida; BRASIL, Cintia Fernanda; NOGUEIRA, Clariana Ribeiro. Empreendedorismo jovem: fatores que contribuem para a atividade empreendedora. Universidade Estadual de Maringá. Caderno de Administração, v.21, n.2, 2013.

CHELL, Elizabeth. Review of skill and the entrepreneurial process International. Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research, v. 19, n.1, p. 6-31, 2013.

DIEHL, Astor Antonio. Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

- DOLABELA, Fernando. Oficina do empreendedor. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.
- DOLABELA, Fernando. Pedagogia empreendedora. São Paulo: Editora de Cultura, 2003.
- DORNELAS, J. C. A. Empreendedorismo: transformando ideias em negócios. 5 ed. Rio de Janeiro: Empreende/LTC, 2014.
- FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. Revista de Administração, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 5- 28, 1999.
- JUNIOR ACHIEVEMENT. Institucional. Disponível em: <http://www.jabrazil.org.br/ja/junior-achievement/institucional>. Acesso em: 31/05/2015a.
- JUNIOR ACHIEVEMENT. Programa Miniempresa. Disponível em: <http://www.juniorachievement.org.br/jace/programas/miniempresa> Acesso em: 31/05/ 2015b.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- LIMA, Aldo José Fossa de Sousa; BARELI, Paulo. A importância social no desenvolvimento do trabalho voluntário. Revista de Ciências Gerenciais, v. 14, p. 173-184, 2010.
- MASCARENHAS, André Ofenhejm; ZAMBALDI, Felipe; VARELA, Carmen Augusta. Motivação em programas de voluntariado empresarial: um estudo de caso. Organizações em contexto, Vol. 9, N. 17, jan.-jun. 2013.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. 31ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- NACIONAL, Sebrae. O que é ser empreendedor. Disponível em: www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/bis/O-que-%C3%A9-ser-empendedor Acesso em: 13/05/2015a.
- NACIONAL, Sebrae. Empreendedorismo e intraempreendedorismo: a bola da vez. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/bis/A-diferen%C3%A7a-entre-o-empendedorismo-e-intraempreendedorismo>. Acesso em: 31/05/2015b.
- PINCHOT, Gifford. Intraempreendedorismo na prática: um guia de inovação nos negócios. Tradução de Marcia de Andrade Nascentes da Silva. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

SARASVATHY, Saras D. *Effectuation: elements of entrepreneurial expertise*. Cheltenham: Edward Elgar, 2008.

SHEPHERD, Dean A.; PATZELT, Holger. Thinking About Entrepreneurial Decision Making: Review and Research Agenda Dean A. Shepherd - Holger Patzelt. *Journal of Management*, v. 41, n.1, p. 11-46, 2015.

SOARES, M. A. F.; MACHADO, H. P.V. Jovens empreendedores: perfil, dificuldades na gestão e perspectivas dos empreendimentos. *Anais do V EGEPE – Encontro de estudos sobre empreendedorismo e gestão de pequenas empresas; 2005; Curitiba; BRAASIL; Português*.

The United Nations Volunteers (UNV) Inspiration in action. Disponível em: <<http://www.unv.org/about-us.html>> Acesso em: 25 de janeiro de 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC). Projeto de extensão Empreendedorismo e voluntariado. Cadastro 16731/13-78, de 26 de agosto de 2013. Fortaleza, 2013.